

# } 3.2

## Ao Mestre José Rodrigues

Surpreende o Mestre José Rodrigues, que este ano conheci melhor lá no seu convento de Sanpayo, quando desafia a Igreja a «meter poesia e encanto nos seus espaços e nas suas liturgias»<sup>1</sup>. De facto, «a liturgia – como a poesia – é esplendor gratuito, delicado desperdício, mais necessário do que útil»<sup>2</sup>. Para que seja assim e para que o Evangelho se torne visível, é necessário que a liturgia se exprima tanto nas categorias da beleza como nas da verdade.

Na primeira celebração da adoração da Cruz, em Sexta-feira Santa, a que presidi na Catedral de Bragança, citei José Rodrigues com estas suas palavras tão notáveis nas suas aproximações a Cristo: «Há dois mil anos, um “certo Homem” era pregado com quatro pregos numa cruz. Antes de morrer, ainda encontrou força para gritar: – Senhor, Senhor, por que me abandonastes? Não conheço na história da humanidade momento de maior solidão, e duvido que o possa vir a descobrir»<sup>3</sup>. E com esta palavra aguardamos uma marca artística da sua autoria nesta *Domus Ecclesiae* de Bragança.

Também numa exposição “Travessias do Desenho e da Escultura” do Mestre, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, em Bragança, entre muitas impressionaram-me duas imagens: a da abertura (uma Anja) e a antepenúltima (a Senhora do Ó), ou seja, a Senhora da Anunciação. Toda a travessia daquele belo espaço era cheia de silêncio confiado à luz. E, como escreveu Herman Hesse: «arte significa: em cada coisa ver Deus». É também

<sup>1</sup> N. HIGINO (ed.), *Tocar as coisas da memória. José Rodrigues, aproximação ao sagrado*, Leça da Palmeira, 2008, 12.

<sup>2</sup> C. CAMPO, *Sob um nome falso*, Assírio & Alvim, Lisboa 2008, 111.

<sup>3</sup> Mestre José Rodrigues.

o próprio J. Rodrigues que afirma: «não sou, procuro não ser, funcionário das artes»<sup>4</sup>. Dizer Deus de modo belo, acontece na sua expressão artística do desenho, do barro e do bronze acerca do mistério da encarnação e da redenção de Cristo, pelos “Cristos” e “para um altar” e muitas outras anunciações, a partir das quais podemos ainda perguntar como o salmista: o que é o homem?

Embora sabendo que o mistério nunca se ilumina plenamente, a arte é um modo feliz de dizer Deus: «Quando te afastas do fogo, o fogo continua a dar calor, mas tu ficas regelado. Quando te afastas da luz, a luz continua a brilhar, mas tu ficas envolto em sombras. É isso que acontece quando te afastas de Deus»<sup>5</sup>.

A arte é central na cultura, sendo o caminho para a transcendência pelo Bem, pela Verdade e pela Beleza.

Existe um pouco de “Deus” na obra de José Rodrigues, que busca o coração da sabedoria. Conheci-o na intimidade da sua casa, do seu ‘convento’, da sua família e na alegria dos amigos. Aprecio e estimo a sua simplicidade e humanidade tão bem expressas nas coisas belas da sua mestria.

José Manuel Cordeiro,  
Bispo de Bragança-Miranda

<sup>4</sup> N. HIGINO (ed.), *Tocar as coisas da memória. José Rodrigues, aproximação ao sagrado*, Leça da Palmeira, 2008, 12.

<sup>5</sup> Santo Agostinho.